

MULHERES APINAJÉ: PROTAGONISMO NA ESFERA POLÍTICA

Carina Alves Torres¹

Sheila Baxy Pereira de Castro Apinajé²

Laylson Mota Machado³

RESUMO

O presente artigo discutirá o protagonismo das mulheres Apinajé, frente às demandas políticas, através do histórico de luta e inserção destas na chefia de aldeias, reuniões e eventos políticos. O fato observado é a participação recorrente das mulheres na esfera política, organizando eventos, reuniões e movimentos nas últimas décadas, delineando as trajetórias e espacialidades no território materno. A pesquisa foi realizada através do método bibliográfico por meio das dissertações de mestrado “A questão de gênero na etnologia Jê: A partir de um estudo sobre os Apinajé” de Raquel Pereira Rocha (2001) e Mulheres Apinajé: Trajetórias Socioespaciais em Tocantinópolis de Carina Alves Torres (2020), o Trabalho de conclusão de Curso (TCC) A vida de Nhiro: Etnobiografia de uma cacica Apinajé da pesquisadora Welitânia Pereira Rocha (2016) e as notícias do Blog Associação União das aldeias *Pempxá* sobre a participação das mulheres na esfera política no recorte temporal de 2001 a 2022. Através da revisão bibliográfica se constatou o crescimento das mulheres na esfera política, fundando e chefiando aldeias, além de atuarem frente às demandas políticas, educacionais e culturais, exercendo diversas funções no território, além de construírem trajetórias socioespaciais em outras cidades e estados do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Indígena. Política.

MUJERES APINAJÉ: PROTAGONISMO EN LA ESFERA POLÍTICA

RESUMEN

Este artículo discutirá el protagonismo de las mujeres Apinajé, frente a las demandas políticas, a través de su historia de lucha e inserción en la dirección de los pueblos, reuniones y eventos políticos. El hecho observado es la participación recurrente de las mujeres en la esfera política, organizando eventos, encuentros y movimientos en las últimas décadas, delineando las trayectorias y espacialidades en el territorio materno. La investigación se llevó a cabo a través de la búsqueda bibliográfica a través de las disertaciones de maestría "La cuestión de género en la etnología Jê: A partir de un estudio sobre el Apinajé" de Raquel Pereira Rocha (2001) y Mujeres Apinajé: Trayectorias socio-espaciales en Tocantinópolis de Carina Alves Torres (2020), el Trabajo de Finalización de Curso (TCC) La vida de Nhiro: Etnobiografía de un jefe Apinajé de la investigadora Welitânia Pereira Rocha (2016) y las noticias del Blog Associação União das Pempxá aldeas sobre la participación de las mujeres en la esfera política en la marco temporal de 2001 a 2022. A través de la revisión bibliográfica, se constató el crecimiento de la mujer en el ámbito político, fundando y dirigiendo pueblos, además de actuar frente a las demandas políticas, educativas y culturales, ejerciendo diversas en el territorio, además de construir trayectorias socioespaciales en otras ciudades y estados de Brasil.

¹Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas(UFPEL). E-mail: carinatorres123alves@gmail.com

².Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: maxyapinaje@gmail.com

³ Doutorando em Sociologia Pela Universidade Federal de Pelotas, E-mail: laylsonmm@gmail.com

PALABRAS CLAVE: Mujer. Indígena. Política.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas as mulheres estão ocupando os diversos espaços político na sociedade, delineando as mudanças sociais nas instâncias que demarcam as estruturas de poder, como a política. Na realidade das populações indígenas se nota a abrangência da participação das mulheres nos espaços políticos de seus territórios, como aborda Rocha (2012) ao situar que as mulheres da etnia kaingang. [...] “exercem um papel central na agência de fatos e eventos políticos.” (ROCHA, 2012, p.123), assim como no contexto do território Apinajé. A partir da citação das pesquisadoras Welitânia Rocha (2016) e Lidiane Alves (2016) “[...] a mulher Apinajé participa efetivamente da esfera social e política de seu povo. São líderes de aldeias, professoras, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, agentes de saúde, brigadistas etc.” (ALVES; ROCHA, 2016, p. 72). É perceptível a inserção das mulheres na estrutura política, representando novas dinâmicas, sociabilidades e protagonismos.

No cenário nacional temos a referência do protagonismo frente às questões políticas à ministra dos povos originários Sônia Guajajara, empossada no dia 11 de Janeiro de 2023 no governo atual do presidente Inácio Lula da Silva (2023-2026). Sônia é ativista da articulação dos povos Indígenas no Brasil (APIB), com trajetória de vida marcada por atuações nas demandas dos povos indígenas na esfera nacional. É importante situar que outras mulheres indígenas são referências de protagonismo na esfera política como a ex-deputada federal Joênia Wapichana (Rede-RR), sendo a primeira mulher indígena a ocupar o cargo de deputada Federal, no qual assumiu recentemente a presidência da Fundação dos povos Indígenas (FUNAI). Na realidade da etnia Apinajé é perceptível à inserção das mulheres na esfera política, assim como no espaço educacional e saúde. Outro fator recorrente são os movimentos e mobilizações que as mulheres vêm organizando nos últimos anos além de participarem de eventos no âmbito nacional.

Outro evento que as mulheres Apinajé participaram foi o acampamento da II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas que ocorreu em Brasília, reunindo mais de cinco mulheres indígenas de 172 etnias com temática “Mulheres originárias: Reflorestando mentes para a cura da Terra” entre as pautas estava a reivindicação contra o marco temporal”. (TORRES;MOTA, 2021, p.345).

As trajetórias socioespaciais representam o movimento de luta, articulação e união do coletivo de mulheres, além de situar as mudanças estruturais na política ao longo das décadas. Partimos da pesquisa bibliográfica, para analisar as mudanças históricas da participação feminina na estrutura

política, seguindo os preceitos de Severino (2007) ao discorrer que a pesquisa “bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. [...]” (SEVERINO, 2007 p.122), nessa perspectiva analisamos a dissertação de mestrado: A questão de gênero na etnologia Jê: A partir de um estudo sobre os Apinajé de Raquel Pereira Rocha (2001), A vida de Nhiro: Etnobiografia de uma cacica Apinajé da pesquisadora Welitânia Pereira Rocha (2016) e a dissertação de mestrado Mulheres Apinajé: Trajetórias Socioespaciais em Tocantinópolis (2020) de Carina Alves Torres e análise do Blog Associação União das aldeias *Pempxá*, sendo o principal veículo de exposição das notícias do território.

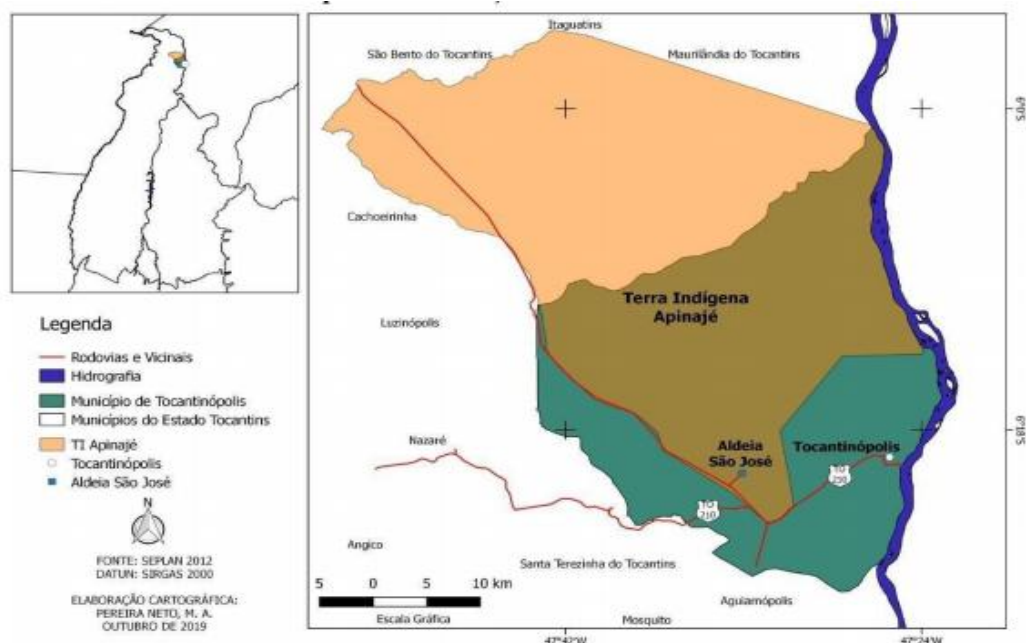
2. CONTEXUALIZAÇÃO HISTÓRICA, CULTURAL E TERRITORIAL DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ

A etnia Apinajé está localizada na região conhecida como bico do papagaio⁴, região norte do estado do Tocantins, nos territórios municipais: Cachoerinha-TO, Maurilândia-TO, Luzinópolis-TO, São Bento-TO e Tocantinópolis (TO), o território é de 142 mil hectares de acordo com o Instituto Socioambiental (ISA), com uma população de 2.342 pessoas e 46 aldeias segundo os dados da Secretaria de Saúde Indígena (SIASI/SESAI) de 2014. São pertencentes ao tronco linguístico macro-jê, classificado por Curt Nimuendajú (1983) e a língua materna é o Apinajé. Esse povo cultua os rituais, festas e culinária, como a festa da Tora Grande⁵, que é a finalização do luto nessa etnia. No mapa a seguir fica explícito o território indígena Apinajé e a aldeia São José, principal aldeia do território, por realizar as principais reuniões e rituais culturais.

⁴ Bico do papagaio por ter formato de um bico do papagaio no mapa territorial.

⁵ Pàrkapê é um ritual de tora grande que representa o término do luto. É uma grande representação do comportamento social de algum familiar que já faleceu. Também é feito no ritual Ôhô, demonstrando o comportamento social e hábitos de animais da chapada/cerrado, cujos principais são: ema, veado-catingueiro e outros animais. (APINAJÉ, 2019, p.81)

Mapa 1: Localização da área de estudo.



Fonte: Pereira Neto (outubro/2019).

Os Apinajé têm uma rede de relação das aldeias através da associação *Pempxá*- União das aldeias, que tem o intuito de fortalecer este povo politicamente, culturalmente e socialmente. São várias demandas debatidas nas reuniões, como educacionais e territoriais. O número de aldeias é bastante representativo e a tendência é aumentar, principalmente para evitar invasões e exploração dos recursos naturais. No território existem duas escolas estaduais, localizadas nas aldeias Mariazinha e São José, além de escolas municipais circundadas em outras aldeias.

As mulheres cacicas dessa etnia estão territorializadas em várias aldeias, ocupando o cacicado a partir dos anos 2002, como situa Rocha, (2012), ao discorrer sobre a inserção da liderança Joanita no cacicado da aldeia Areia Branca.

Torres (2020) destaca que no contexto atual, as mulheres indígenas Apinajé estão saindo com frequência no território materno, para cursar faculdade em Tocantinópolis-TO, Araguaína-TO e Goiânia –GO:

[...] O número de mulheres é maior que o número de homens na unidade escolar da Escola Estadual indígena *Matúke* mostrando que elas estão buscando por meio da educação se especializar para estarem atuando na unidade escolar, Posto de Saúde e outros espaços do território. (TORRES, 2020, p. 65).

Um dos anseios das mulheres que buscam o ensino superior é trabalhar nas aldeias atuando na unidade escolar e no posto de saúde.

No que tange as questões culturais na atualidade, Torres (2020) destaca as festas culturais, como a corrida de Tora, encontro das mulheres quebradeiras de coco babaçu, trocas de sementes, campeonato de futebol, festas de forró, casamentos e aniversários. São eventos que estão ocorrendo nos últimos anos, movimentando a população, pesquisadores e moradores dos povoados da cidade de Tocantinópolis.

A perpetuação dos conhecimentos tradicionais é guiada pela oralidade dos mais velhos/as para a população mais jovem. No aspecto educacional é importante situar que a educação não escolar é marcada pelas atividades cotidianas na aldeia, onde as mulheres são as principais detentoras desses conhecimentos, apresentando e ensinando as crianças desde pequenas os traços culturais. A educação escolar apresenta algumas características coloniais, como as fileiras em salas de aula, quadro e arquitetura. Boaventura de Sousa Santos e Maria de Paula Meneses (2009) apresentam a descolonização do saber, como meio de desconstruir a colonialidade estruturada na sociedade: “[...] buscam contribuir para a descolonização do saber, articulando, de forma consistente, diferentes perspectivas críticas a epistemologia moderna, elaboradas a partir de diferentes lugares e disciplinas.” (SANTOS; MENEZES, 2010, p.18).

São perceptíveis as mudanças socioculturais na etnia Apinajé, fatos marcados pelos contatos interétnicos e as trajetórias socioespaciais dessa população a cidade de Tocantinópolis, principalmente para realizar compras nos comércios.

3. A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES APINAJÉ NA POLÍTICA

A antropóloga Vanessa Lea foi uma das primeiras pesquisadoras a realizar trabalhos criticando o princípio dualístico dos povos Jê na organização social de gênero, pois segundo Raquel Rocha, há um consenso literatura Jê Central e Setentrional ao se pensar na organização social a partir da dualidade, no qual a construção de gênero segue esse princípio: “a construção social dos gênero dicotomizada em esferas opostas complementares entre sim. Mulheres e homens são através do principio dual, classificados entre os domínios públicos e doméstico, central e periférico, natural e cultural.” (ROCHA, 2001, p. 04).

A partir dessa constatação, Raquel Rocha, observou que a gestão de gênero na etnologia Jê foi pouco abordada de forma direta, sendo que era importante considerar a forma como a “sociedade constrói os gêneros masculinos e femininos e a maneira como processa a dinâmica das relações entre

esses gêneros”. [...] (ROCHA, 2001, p.04). Nesse sentido a dissertação de mestrado de sua autoria “A questão de gênero etnologia Jê: A partir de um estudo sobre os Apinajé, (2001) aborda a construção social dos gêneros masculinos e femininos na sociedade Apinajé. Durante a pesquisa de campo no território a pesquisadora Raquel Rocha foi recebida pela matriarca Maria Irepxi, moradora da aldeia São José onde naquele contexto essa população era de aproximadamente 1.014 pessoas, vivendo nas seguintes aldeias: São José, Mariazinha, Cocalinho, Patizal, Botica, Bonito e Riachinho, com várias pessoas comprando nos comércios da cidade de Tocantinópolis, após a inserção dos programas sociais na etnia, se constituindo um dos mecanismo de trajetos a cidade.

A pesquisadora situa que os dados colhidos anteriormente demonstram que a participação feminina nos eventos cotidianos e históricos, [...] “em nada de constitui a margem da sociedade”. (ROCHA, 2001, p.10). As mulheres Apinajé vêm exercendo várias performances em ocasiões particulares e coletivos, além de deterem a maior parte dos conhecimentos sobre a cultura Apinajé, Giraldin (2000).

A matriarca Maria Barbosa (Irepxi) se tornou madrinha de Raquel Pereira Rocha, a recebendo em sua casa, além de apresentá-la aos outros moradores da aldeia. Raquel Rocha situa que durante sua estadia na aldeia São José, Maria Barbosa relatara, a atuação no processo de demarcação territorial, através de narrativas dos eventos que participara além de apresentar suas filhas e netas. Cleuza é uma das filhas que a acompanha em reuniões fora da cidade de Tocantinópolis e outras regiões, como evento de comemoração dos 500 anos do Brasil no estado da Bahia. Na ocasião, “Cleuza disse-me que os assuntos discutidos na reunião abordavam problemas como demarcação de terra, construção de barragens etc. [...]” (ROCHA, 2001, p.53). Cleuza ressaltou o sentimento de decepção ao cacique da aldeia São José por não se posicionar durante a reunião, após esse episódio, ela apresentou a situação aos mais velho/as e influente da aldeia, no qual decidiu substituir o cacique por outro. O evento mostrou que as discussões não se limitam apenas aos homens Apinajé, no qual as mulheres participavam ativamente de debates políticos fora do território no início dos anos 2000.

Na segunda visita de Raquel Pereira Rocha, constatou acontecimentos importantes acerca da atuação política da família de Maria Barbosa e suas filhas, no qual estava construindo uma nova aldeia:

Maria Barbosa e boa parte de sua parentela estavam de mudança, provavelmente por motivos políticos, pois a decisão de construir uma nova aldeia coincidiu com a troca de cacique. Saiu Abilio, e Quirino foi colocado em seu lugar. Esse evento contou com a participação importante de um grupo de mulheres liderado por Irepxi, juntamente com Augustinho. (ROCHA, 2001, p. 71).

A nova aldeia é há 1000 km da aldeia São José, em um território conhecido como veredão, no qual as filhas e netos se mudaram. Maria Barbosa sempre ressaltava que se as mulheres quisessem exercer a função de cacique e vice-cacique. A líder Maria Barbosa, era vista como uma das detentoras dos conhecimentos tradicionais da cultura, além de possuir o status de “guerreira” por atuar politicamente junto com suas filhas demandas políticas e territoriais do seu povo.

O trabalho de conclusão (TCC), A vida de Bhiro: Etnobiografia de uma cacica Apinajé da pesquisadora Welitânia de Oliveira Rocha, (2016), disserta sobre uma liderança feminina do povo Apianjé através de uma etnobiografia, situando o processo de formação dessas cacicas, por meio da trajetória de vida da cacica Creuza Barbosa Apinajé, moradora da aldeia Irepxi. A autora cita, o interesse em pesquisar

O fato de existir entre os Apinajé 7 aldeias chefiadas por mulheres, despertou o meu interesse em pesquisa sobre as lideranças femininas, buscando perceber como ocorre o processo de formação dessas lideranças femininas entre o povo Apinajé, evidenciando como é transmitida a chefia. (ROCHA, 2016, p.11).

No ano de 2016, o número de aldeias, chefiadas por mulheres era representativo, situando a participação mais ativa destas na política. Ângela Sacchi (2006), aborda a representação política das mulheres indígenas, através das mudanças sociais de gênero, dando ênfase a participação política no âmbito público, como a chefia de aldeias e participação de demandas em outros territórios, eventos, mobilizações e manifestações.

A cacica Nhiro é filha da matriarca e liderança Maria Barbosa, citada anteriormente por Rocha (2001). Ela desde criança acompanhava a mãe nas demandas políticas, sociais, territoriais e culturais do seu povo, no qual a impulsionou a fundar a aldeia Irepxi, em homenagem a mãe e chefiar a aldeia. Nhiro exerce várias funções no território, tais, como pintora, cantora, parteira, cacica e quebradeira de coco babaçu, no qual incentiva suas filhas e netas a participarem ativamente das demandas políticas, através de eventos dentro e fora do território. Por meio da etnobiografia de Nhiro, o prestígio que as lideranças femininas possuem ao participar das decisões políticas de suas aldeias, além de possuírem trajetórias em outros territórios, frente às demandas territoriais no âmbito nacional.

A dissertação de mestrado Mulheres Apinajé: Trajetórias Socioespaciais em Tocantinópolis (2020) de Carina Alves Torres situa as trajetórias socioespaciais das mulheres da matriarca Itelvina⁶, por ser patrimônio imaterial dessa etnia, com perpetuação dos saberes e conhecimentos tradicionais,

⁶ esta falecera no dia 22 de Setembro de 2022 aos 98 anos de idade.

além de possuir a trajetória de vida marcada por participação política nas demandas territoriais, como no processo de demarcação territorial na década de 1980. As filhas e netas da matriarca exercem várias funções no território, com professoras, merendeiras, pintoras, artesãs, parteiras e cantora. Estas participam das reuniões políticas no território e outras cidades. Outro fato notável é o ingresso das mulheres na educação superior, como a neta de Itelvina, Delma, aluna do curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins (UFT) da cidade de Tocantinópolis, no qual relatara a importância do nível superior nas resoluções de demandas políticas de sua aldeia e do movimento indígena brasileiro. Atualmente ela é professora na Escola Estadual indígena *Matyke* lecionando na disciplina de ensino da língua materna, no qual participa de todas as reuniões que demarcam as pautas educacionais.

Torres (2020) aponta que as mulheres dessa etnia, estão mais engajadas nas demandas políticas, participando das reuniões da Associação União das aldeias (Pempxá), além de atuarem em diversas funções do território nas últimas décadas.

O blog pempxá-União das aldeias, é o principal meio comunicação dessa etnia, no qual traz informações que ocorrem no território, como eventos, festas, manifestações, educação, reuniões e cultura. Um das notícias que o blog trouxe foi o 1º Encontro das Mulheres Timbira, na aldeia Prata, nos dias 28 de Novembro de 2022 ao dia 02 de Novembro do mesmo ano. O encontro reuniu mulheres da etnia, Krikati, Catiji, Gavião, Apinajé, Krahô, Apanjekrá – Canela, Krenyê, Memortumré- Canela e Krepym. Na ocasião foram debatidas as pautas sobre as práticas educacionais, saúde, meio ambiente, cultura os saberes tradicionais dos povos Timbiras.

Durante o encontro, as mulheres realizaram troca de saberes, cantaram, e fizeram danças no pátio da aldeia. Na fotografia 1, demonstra a coletividade das trocas de saberes no pátio da aldeia.

Fotografia1: Mulheres no pátio da aldeia.



Fonte: (*acervo CTI. Nov/Dez 2022*).

Outro fato discutido no encontro foi a gestão e proteção dos territórios Timbiras e participação das mulheres em organizações voltadas para o bem viver da comunidade, na efetiva defesa dos seus direitos.

Outra notícia abordada pelo blog foi à participação das mulheres Apinajé na segunda brigada voluntária feminina, no qual quarenta mulheres participaram no Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Prevfogo/Ibama). Dentre as mulheres que participaram se destaca a brigadista Salma, no qual vem exercendo a função de brigadista há dois anos. A brigadista Maria Aparecida Apinajé relata sua participação e protagonismo das mulheres Apinajé na brigada:

A Brigada veio somar e dar protagonismo às mulheres Apinajé. Nosso espaço de liderança é recente. Culturalmente as mulheres cuidam da roça, da casa e das crianças. Mas já temos sete caciques mulheres no nosso território”, afirma Maria Aparecida Apinajé, a Cida, uma das lideranças que buscou a parceria para levar o curso até a comunidade com intuito de garantir a preservação dos territórios e da cultura para as futuras gerações. (BLOG PEXPMXÁ, 2 de Dezembro de 2022).

A brigada voluntária feminina representa uns dos espaços de protagonismo que amulheres vem ocupando nos últimos anos, no qual se constitui uns dos espaços políticos de discussões e debates acerca da questão ambiental de seus territórios.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida a participação, protagonismo e inserção das mulheres indígenas na esfera política de seus territórios vêm crescendo nos últimos anos, impulsionado pelo movimento de coletividade nacional e das alianças dentro da aldeia. No âmbito nacional se destaca o Movimento ANMIGA- Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade, se constituindo uns dos movimentos de comunicação e empoderamento das mulheres indígenas. Outro ponto notável nas obras analisadas é a questão da geração e parentesco na inserção das mulheres na esfera política, pois as cacicas e lideranças da etnia Apinajé, são influenciadas pelas mulheres anciãs e parentas a inserção da vida política, além de participarem ativamente de eventos e reuniões fora do território.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lidiane da Conceição; ROCHA, Welitânia de Oliveira. As Mulheres Apinajé e a Escola: um relato etnográfico. In: **Cultura e Histórias dos Povos Indígenas: formação, direitos e conhecimento Antropológico**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

APINAJÉ, Júlio Kamêr Ribeiro. **Mê ixpapxà mê ixàhpumunh mê ixujahkrexà: território, saberes e ancestralidade nos processos de educação escolar Panhã**. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

BLOG PEMPXÁ. Disponível em: <http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com/>. Acesso: 25 nov. 2022.

ROCHA, C. C.; SACCHI, A. (Org.) ; GRAMKOW, M. (Org.) . **Gênero e povos indígenas: coletânea de textos produzidos para o 'Fazendo Gênero 9' e para a '27a. Reunião Brasileira de Antropologia'**. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: Curt Nimuendaju, 2012.

ROCHA, Raquel Pereira. **O “Tempo do primeiro” e o “tempo de agora” transformação social e etnodesenvolvimento entre os Apinajé/TO**. 2012. 327f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ROCHA, Welitânia de Oliveira. **O movimento das mulheres indígenas Apinajé: Tempo, Política e chefia feminina**. 2018. 128f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília. DF: Brasília, 2018.

ROCHA., Welitânia de Oliveira. **A vida de Nhiro: etnobiografia de uma cacica Apinajé**. 58f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Tocantins, UFT: Tocantinópolis, 2016.

SACCHI, Ângela, GRAMKOW, Márcia Maria. (Orgs.) **Gênero e povos indígenas: coletânea de textos produzidos para o "Fazendo Gênero "** e para a "27ª Reunião Brasileira de Antropologia". Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/ GIZ/FUNAI, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SECRETÁRIA DE SAÚDE INDÍGENA. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai>. Acesso: 25 nov. 2022.

SEVERINO, Antônio, Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. re. e. Atual, - São Paulo; Cortez, 2007.

TORRES, Carina Alves *et al.* Atuação das mulheres do norte na luta pela terra: práticas educacionais em contextos de resistência. **D'Generus**: Revista de Estudos Feministas e de Gênero,, Pelotas., v. 1, p. 337-354, 2022.

TORRES, Carina, Alves. **Mulheres indígenas Apinajé**: Trajetórias socioespaciais em Tocantinópolis. Dissertação (Mestrado acadêmico)- Universidade Federal do Tocantins. Curso de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, 2020.

Data de submissão: 25/02/2023

Data de aprovação: 20/03/2023